

*Revista Pandora Brasil - Edição Especial N° 7*  
*Junho de 2011*

## **“Poemas”**

**Bruno Ribeiro de Lima**

Bruno Ribeiro de Lima, paulista de Caieiras, 24 anos, graduado em Letras-Tradução na Universidade Mackenzie. Atualmente é mestrando Erasmus Mundus em Culturas Literárias Européias nas universidades de Estrasburgo (França) e Alma Mater Università di Bologna (Itália).

antes fosse nós  
e tudo antes  
fosse assim  
tu e mim entre  
nós  
ao lado de onde hoje  
passo  
de onde hoje  
somos hoje  
passado

\*\*

em dois dias

ao teu lado

:

encontrando-

me

em

nós

\*\*

apenas múltiplo  
comum de mim  
mesmo aqui  
estou sob a voz  
do império da voz

\*\*

apenas um passo e

a

poeira no caminho o poema no caminho

ao passo

apenas

\*\*

solilóquio

língua olhos

lóbulo molhado

cesso respiro

arranho pálido

suspenso

sufoco espuma

círculo de lapsus

e palavras

dizem

graduadas o entre

e o outro o outro

\*\*

solstício sem metáfora

frio sem número

sem cor

zero sem antes e

depois apenas uma sondagem

antes do fim

\*\*

clara esta coisa  
branda que  
de mim faz a nossa fala

\*\*



nada  
sem dizer eu  
calados eu e você  
no escuro que se faz  
dentro da clara página

\*\*

é uma voz que  
fala sempre não  
a mesma voz  
mas fala isso que  
a história cala ou  
busca apagar  
mas é na voz que  
toda a história está e  
toda a fala morre quando morre  
a voz da história

\*\*

chega

quando tudo de repente a gente

inventa e diz um sim

ao outro e

diz um sim

sem saber onde andar

eu devo ir

onde ir tu deve

estar e sempre nossos passos

interrompidos num mesmo espaço

cênico e temporal onde eu quero

o sim e não talvez mas

sim em nós

e para sempre

nós

\*\*

amor  
que se faz na  
falta e na palavra

amor brando  
que se arrasta  
e deixa escapar  
a branca linha da memória

amor que não é  
o não à vida  
mas o sim  
do som longo e constante que  
se faz  
quando falta a palavra

amor

\*\*

construir um vale  
leva uma vida

anos velando  
o eco do silêncio

dias consumindo  
o pôr-do-sol

construir um vale  
não leva o vale  
às alturas  
ao estado apolíneo  
de beleza

construir um vale  
não traça pontes  
traça ponto  
final

de um lado  
a palma da mão  
do outro  
o tchau

\*\*

cortinas de aço  
baixo movimento  
preso pelo braço

muro sublinhando  
o balanço vago  
frente ao espelho

cego, de cuja ponta  
cega sobe o  
certeiro corte

e a imagem rasgada  
chora na memória  
aberta do peito

\*\*

estalos desarticulados  
ecoam no vazio  
e se quebram

como um copo se  
quebra  
nas ondas  
agudas do  
silêncio

\*\*

bater estaca  
no canto escuro  
do verso

bater estaca  
na arquitetura

fugidia da  
estrofe

bater estaca  
no ferro  
faíscas sibilantes  
som sem nexo

bater estaca  
no fim  
no fundo do poema  
no peito

até que a estaca  
padeça na hegemonia  
do silêncio

\*\*



Eu existo dentro  
Não de mim  
Apenas  
Porém mesmo fazendo  
Assim um jogo entre nós  
E mim estou calado em  
Teu posto aberto onde há  
Vida  
Onde há  
História e vida persistentemente  
Escrita na pele do  
Que  
Somos  
Enquanto eu somos nós  
Eternos enquanto  
Dura o encanto eterno

*Revista Pandora Brasil*  
*Edição Especial N° 7 - Junho de 2011*  
*poemas*

[voltar](#)